



A Casa de Paulo Cavalcanti

Alexandre Santos

Artigo sobre o nome do imóvel que dá sede à União Brasileira de Escritores.

O nome oficial da Casa Rosada da Rua Santana, também conhecida como a Casa do Escritor, sede da União Brasileira de Escritores (UBE), localizada na Rua Santana, nº 202, em Casa Forte, no Recife, é 'Casa Paulo Cavalcanti' – uma justa homenagem ao escritor e homem público Paulo Cavalcanti, que, em janeiro de 1958, depois de ter contribuído ativamente no processo de formulação e concepção do modelo de representação dos escritores baseado em uniões estaduais que sucedeu a antiga Associação Brasileira de Escritores (ABDE), em Pernambuco, juntamente com Abelardo da Hora, Abelardo Jurema, Audálio Alves, Amaro Quintas, Lucilo Varejão Filho, José Nivaldo, José Rodrigues, Vanildo Bezerra, Gastão de Holanda, Olímpio Bonald Neto, Carlos Pena Filho e outros, estruturou a sessão estadual da União Brasileira dos Escritores, tendo sido o seu primeiro presidente.

Ao dar à própria sede o nome do primeiro presidente, associando-a definitivamente à sua imagem, a UBE revelou suas entranhas. De fato, a decisão, tomada unanimemente pela diretoria, não teve o mero propósito de homenagear o primeiro presidente da entidade, mas, sim, de proclamar aos quatro cantos do País um exemplo de escritor e dirigente, consagrando a sensibilidade, a honestidade, a dignidade, a honradez, a coragem, a dedicação, o senso de responsabilidade coletiva e, sobretudo, o humanismo e a fé na humanidade que marcaram Paulo Cavalcanti como características essenciais aos ocupantes de cargos públicos. Nesta perspectiva, ao homenagear Paulo Cavalcanti com o galardão máximo, fazendo da própria sede o corpo de cimento e cal que acompanha o nome do antigo presidente, a UBE cumpre um destacado papel histórico e social, pois define um padrão de comportamento.

Assim, ao ostentar o nome de Paulo Cavalcanti, a sede da UBE afirma que os homens públicos devem ser sensíveis para perceber as necessidades do povo e as sutilezas que alteram a direção dos ventos, fazendo-os elementos de aproximação ou de distanciamento do bem comum; devem ser honestos para não deixar que nada os desvie das boas causas; devem ser dignos e honrados para orgulhar aqueles que representam; devem ser corajosos para enfrentar o mal e não fugir diante das dificuldades que se interpõem ao bom e ao certo; devem ser dedicados às causas que defendem; devem se sentir responsáveis pelos resultados da luta; devem agir com humanidade em busca das coisas que fazem do homem um ser de Deus; e, finalmente, devem acreditar no homem, tendo a certeza de que as mudanças que almejam serão, inevitavelmente, alcançadas.

Não terá sido por falta de exemplo que, eventualmente, os escritores Nagib Jorge Neto, Frederico Pernambucano de Melo, Dione Barreto, Olímpio Bonald Neto, Flávio Chaves, Vital Correia de Araújo e eu – sucessores de Paulo Cavalcanti, cujo espírito está impregnado na Casa Rosada da Rua Santana (na qual, diga-se de passagem, ele jamais esteve fisicamente) – deixaram de fazer as coisas certas.

Viva Paulo Cavalcanti! Viva a Casa de Paulo Cavalcanti!

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)